

Imagens da amizade: escultura pública e relações interamericanas no Brasil*

*Paulo Knauss***

Usos da imagem

Como tantas outras cidades, também a cidade do Rio de Janeiro é povoada de imagens. Nesse universo de imagens urbanas, destaca-se a escultura pública monumental e comemorativa. De um lado, essas imagens integram a história da escultura no Brasil; de outro, fazem parte da construção do imaginário político.¹

A historiografia, porém, tanto de um ponto de vista quanto de outro, não tem sublinhado o fato de que a arte possui um vínculo forte com o campo das relações internacionais. Desse modo, não se valoriza o estudo da história da escultura pública como possibilidade de analisar aspectos dos laços do Brasil com as Américas, no fim do século XIX e ao longo do século XX.

A análise do universo da escultura pública do Rio de Janeiro permite constatar que as relações interamericanas surgem como um elemento da prática de promoção de monumentos na cidade. Pode-se mesmo afirmar que a promoção das relações interamericanas no Brasil encontrou na escultura pú-

* Este trabalho é inspirado, sobretudo, pela parceria e interlocução com Francisca Azevedo, colega do Departamento de História da UFRJ. Contou, ainda, com uma leitura prévia de Ana Maria Mauad, além da colaboração de Alexandre Alvez, Douglas Thomas de Oliveira e Tarsila Mancebo como bolsistas financiados parcialmente pelo CNPq. A todos, meus agradecimentos sinceros.

** Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.

¹ Dois livros podem servir de referência para as duas abordagens da escultura pública no Brasil: Bardi (1989) e Carvalho (1990).

blica um recurso apropriado a partir da comemoração do passado.² Assim, diversas esculturas da cidade do Rio de Janeiro afirmaram seu sentido monumental ao integrar o processo de construção do relacionamento do Brasil com os vários países das Américas. Observa-se que a história desse conjunto de imagens escultóricas da cidade acompanha as conjunturas da história do Brasil e de suas relações hemisféricas. Os sentidos das relações interamericanas foram sendo atualizados na escultura pública do Rio de Janeiro ao longo dos tempos.³ Isso significa dizer que não há linearidade de conteúdo na história das imagens das Américas. Seus sentidos ganham historicidade própria ao acompanharem as tendências das relações interamericanas no Brasil. A história das esculturas públicas do Rio de Janeiro envolvidas na participação do Brasil no contexto hemisférico permite constatar a produção permanente de novas associações, as quais reelaboram o conteúdo em torno das imagens e caracterizam uma operação seletiva que recontextualiza elementos da lembrança e produz esquecimentos por meio da promoção de imagens na cidade.

Portanto, ao relacionar usos da imagem com relações internacionais é possível identificar representações das relações interamericanas no Brasil. É nesse sentido que a caracterização da história das práticas de promoção dos monumentos das Américas na cidade do Rio de Janeiro serve a uma história cultural das relações internacionais.⁴ A escultura pública se constitui, então,

² Para uma reflexão abrangente sobre a história das comemorações e a questão da identidade nacional, ver Jills (1996). A obra que abriu o campo na historiografia recente é Nora (1984).

³ A título de comparação, em pesquisa similar sobre o universo de monumentos latino-americanos em Paris, Nestor e Rodriguez (1994) observam que a produção de estátuas dos heróis da história latino-americana na capital francesa corresponde a momentos particulares do relacionamento da França com outros países. Assim, eles identificam uma primeira série nos anos 1930, que envolve a dinâmica da política exterior do entre-guerras. Nesse caso, as estátuas serviram como recurso na rivalidade na arena internacional com as potências do Eixo. Uma segunda série corresponde ao momento em que a França desenvolve uma política para marcar sua presença em outros continentes no contexto da descolonização. O curioso é que, nesse caso, são as peças latino-americanas que se destacam, colocando os países da África e da Ásia em segundo plano, mesmo tendo esses continentes sido o centro do processo de descolonização da segunda metade do século.

⁴ Para uma discussão dessa perspectiva, ver Rolland (2003). Não se trata apenas de valorizar uma história da diplomacia cultural, mas, ao contrário, de definir um ponto de vista que problematiza as relações internacionais a partir do ponto de vista da história cultural.

num recurso da diplomacia ao ser envolvida por rituais de comemoração que mobilizam a vida e o cotidiano urbano em torno das relações interamericanas. Por sua vez, por meio da promoção da escultura pública, a cidade se afirma como terreno das relações internacionais, ou, em outras palavras, define uma dimensão subnacional que permite caracterizar as relações internacionais como fato urbano.⁵

Imagens da amizade

No universo de imagens urbanas do Rio de Janeiro destaca-se um conjunto de esculturas públicas que foram presenteadas por países do continente americano com o sentido de demonstrar e afirmar a sua aproximação com o Brasil. Podem ser caracterizadas, assim, como imagens da amizade. Certamente sua existência na cidade se deve ao fato de que o Rio de Janeiro, desde que foi capital nacional, serve como palco de encontros diplomáticos e internacionais no Brasil.

No catálogo de esculturas públicas da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro⁶ constam várias peças instaladas na cidade por oferta de países das Américas, a maioria delas no contexto de visitas de delegações e representações oficiais de Estado ao Brasil: Cuauhtémoc (1922); Amizade Brasil-EUA (1922-31); general Santander (1941); O'Higgins (1965); general San Martín (1972); Simon Bolívar (1981). As mais antigas são justamente a estátua mexicana e a dos EUA, produzidas no âmbito da Exposição Universal do Centenário da Independência de 1922. A norte-americana, porém, só conseguiu ganhar a praça, onde se localiza ainda hoje, em 1931.

A imagem de Santander marcou a visita oficial ao Brasil do ministro das Relações Exteriores colombiano, Luís López de Mesa. Na manhã do dia 12 de dezembro de 1941, na praça em frente ao edifício da Standard Oil-Esso, no Centro da cidade, onde se realizaria a cerimônia de inauguração da estátua colombiana, foram hasteadas bandeiras do Brasil e da Colômbia. A cerimônia foi acompanhada, ainda, por delegações das Forças Armadas e do corpo diplomático e por alunos de escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro, que integraram a guarda de honra para receber as diversas autoridades de Estado.

⁵ Para uma reflexão contemporânea sobre as relações internacionais e as cidades, ver Rodrigues (2004).

⁶ Ver *Monumentos...*, 1982.

A comitiva oficial que acompanhava o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, incluía representantes de sua Casa Civil e Militar, além de ministros e o prefeito da cidade, Henrique Dodsworth. No palanque oficial, o ministro brasileiro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, apresentou o chanceler colombiano ao chefe de Estado do Brasil. Luis López de Mesa proferiu, então, o discurso em que fazia a entrega da estátua à cidade. O prefeito, em nome do município, fez os agradecimentos de praxe. Acompanhando o presidente da República, as autoridades desceram do palanque e junto ao monumento descerraram o pano. Em seguida, bandas de músicas executaram os dois hinos nacionais, e os alunos da escola Colômbia cantaram uma saudação orfeônica intitulada *Viva o general Santander*, preparada para a ocasião. Por fim, as homenagens militares foram prestadas à figura de destaque da história da Colômbia com o desfile de tropas em continência.⁷

A estátua de O'Higgins foi presenteada pelo Chile por ocasião das festividades do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro. As imagens de San Martín e de Simon Bolívar marcaram, respectivamente, as visitas ao Brasil dos presidentes da Argentina, general Alejandro Lanusse, e da Venezuela, Luis Herrera Campins, no quadro da política de aproximação continental do período dos governos militares do Brasil. A esse conjunto se poderia acrescentar também o busto de Bartolomeu Mitre, na praia de Botafogo, ainda hoje existente. Além disso, é preciso mencionar a efígie de Anastácio Somoza, de 1951, inaugurada na praça que ganhou o nome de Nicarágua na mesma época. Essa efígie, porém, desapareceu da cidade nos anos 1980, assim como o regime que o político nicaraguense encarnou.⁸

Os documentos produzidos pela iniciativa social em torno da estátua de San Martín caracterizam o movimento de promoção da imagem. Em julho de 1970, criou-se o Instituto Sanmartiniano do Brasil, sob a presidência do general brasileiro Juracy Magalhães, mas por iniciativa do embaixador extraordinário e plenipotenciário argentino no Brasil, general-de-divisão Osiris Guillermo Vilegas. O instituto, logo em suas primeiras sessões, decidiu erguer a estátua equestre para promover o "acercamento espiritual de ambos os po-

⁷ Esta descrição segue informações do arquivo da Divisão de Monumentos e Chafarizes da Fundação Parques e Jardins, da Secretaria de Meio Ambiente da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Agradeço a colaboração de Vera Dias.

⁸ Essa peça não é mencionada no catálogo de 1982 da prefeitura, o que indica que na época já deveria estar desaparecida. A história da promoção da efígie, porém, é registrada com texto e foto em Fontainha (s.d.).

vos”.⁹ Foi iniciada uma subscrição pública que arrecadou inúmeras contribuições de cidadãos e entidades argentinas. Com o apoio do governador da Guanabara, Francisco Negrão de Lima, obteve-se a cessão de terreno para implantar o monumento nas imediações da lagoa Rodrigo de Freitas, e a data da inauguração foi fixada. O bronze para fundir a estátua foi doado pelo Banco Municipal de la Ciudad de Buenos Aires, o que permitiu a fundição da peça na capital argentina. O frete do transporte foi oferecido pela Empresa Líneas Marítimas Argentinas (Elma) e transportada no vapor Rio San Juan de Buenos Aires ao Rio de Janeiro, onde chegou em janeiro de 1971. Em outubro do mesmo ano, a estátua foi colocada em seu pedestal pela Companhia Construtora Pederneira, que realizou as obras de implantação do monumento. O governo local cuidou do ajardinamento e iluminação, entre os inúmeros preparativos para o dia da inauguração em 13 de março de 1972, integrando as festividades do sesquicentenário da Independência do Brasil.

A cerimônia de inauguração foi acompanhada por muitas autoridades e personalidades dos dois países, marcando o ato que foi caracterizado como o mais destacado do programa da visita oficial do chefe de Estado da Argentina ao Brasil. Os presidentes da Argentina e do Brasil, respectivamente general Alejandro Agustín Lanusse e general Emilio Garrastazu Médici, ocuparam o palanque que foi montado para a cerimônia, cercados por suas guardas de honra do regimento Granadero e Caballo General San Martín e pelos Dragões da Independência, dando ao evento uma marca militar. Depois da chegada dos chefes de Estado e sua comitiva, ouviram-se os hinos nacionais seguidos de apresentação de armas das tropas. Passou-se, então, ao ato descerramento das placas comemorativas e do monumento, depois aos discursos dos ministros das Relações Exteriores, Luis María de Pablo Pardo e Mario Gibson Barbosa, e à benção concedida pelo núncio apostólico da Santa Sé, monsenhor Humberto Mozzoni. A cerimônia se concluiu com o ato a retirada dos presidentes, antecedido pela oferta de flores aos pés do monumento e por homenagens às bandeiras nacionais. Mas foi o discurso do ministro brasileiro que traduziu a ocasião como “penhor seguro e testemunho permanente da unidade dos destinos da Argentina e do Brasil, da amizade fraterna e

⁹ Ver *Inauguración del monumento al General D. José de San Martín — 13 de marzo de 1972 — Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Arquivo do Instituto Sanmartiniano, 1972. Agradeço a Raquel Paz dos Santos a indicação deste documento no Consulado da Argentina no Rio de Janeiro.

¹⁰ *Idem*.

indestrutível".¹⁰ A lembrança do herói do passado era, assim, operada para dar destino ao presente da diplomacia.

Outras imagens integram, ainda, esse conjunto. A imagem do escoteiro doada pelo Chile, em 1923, traduz o reconhecimento chileno à solidariedade que a sociedade civil brasileira demonstrou ao se mobilizar diante do sofrimento causado por poderoso terremoto que abalou o Chile em 1922. Os escoteiros do Brasil tiveram papel importante nessa mobilização social e por isso sua imagem foi escolhida para afirmar o laço entre os dois povos. Do mesmo modo pode ser mencionada, ainda, a estátua de Miguel Couto, instalada na cidade em 1944, presenteada pela Academia Nacional de Medicina da Argentina.¹¹ Além disso, a estátua da Liberdade da Vila Kennedy chama a atenção, pois se trata de um modelo original da famosa estátua de Nova York presenteado oficialmente ao barão do Rio Branco, que terminou entregando a escultura à municipalidade. Depois de muitos anos, em 1965, o governo local instalou a estátua no bairro proletário construído com financiamento dos EUA, num subúrbio do Rio de Janeiro, e batizado com o nome do presidente norte-americano assassinado pouco tempo antes da inauguração do conjunto habitacional.¹² As estátuas marcavam, assim, o tempo da história.

O que se nota no tratamento das imagens é que as peças latino-americanas destacam a representação de heróis nacionais: o último líder guerreiro pré-colombiano do México (Chuautémoc) e os líderes dos movimentos de independência nacional, conhecidos como libertadores (Santander, da Colômbia; O'Higgins, do Chile; San Martín, da Argentina; e Simon Bolívar, da Venezuela).¹³ As imagens dos EUA são as que se distinguem do conjunto pela característica alegórica: a Liberdade, que identifica o regime político norte-americano na figura feminina portando tocha de luz; e a Amizade Brasil-EUA, também encarnada numa figura feminina segurando, numa das mãos, duas bandeiras que se entrelaçam, e, na outra, louros da vitória. A estátua chilena

¹¹ Miguel Couto foi uma liderança do meio médico brasileiro de sua época, tendo presidido a Academia Nacional de Medicina brasileira de 1915 até 1934, ano de sua morte. Durante esse período conduziu um processo de aproximação com a instituição congênere da Argentina. Essa estátua encontra-se atualmente em frente ao hospital Miguel Couto, no bairro da Gávea. Originalmente foi instalada na praia de Botafogo, tendo sido inaugurada em 3 de outubro de 1944 (ver Speroni, 1945). Agradeço a Raquel Paz dos Santos a referência a essa fonte.

¹² Ver Azevedo, 1999.

¹³ Para uma caracterização da história dos símbolos nacionais no mundo hispano-americano, ver Earle (2005).

do escoteiro e a estátua argentina do médico brasileiro Miguel Couto constituem exceções, pois não recorrem ao panteão do Estado para representar os laços entre as sociedades civis nacionais.

De qualquer maneira, todas as imagens afirmam em escultura a amizade de cada país das Américas com o Brasil, seja pelo ato ritualizado da oferta em si, seja por inscrições que traduzem esse sentido — por exemplo: “*Mexico al Brasil*” na estátua mexicana do Chuaatéemoc, ou o entrelaçamento das efígies de José Bonifácio e George Washington, personagens dos movimentos de independência nacional do Brasil e dos EUA, respectivamente, colocados no pedestal da estátua alegórica da Amizade.

É possível também indicar que a origem das estátuas acompanha a geografia das relações hemisféricas do Brasil. Nota-se a importância dos EUA e dos países sul-americanos, enquanto as ausências mostram a menor ênfase dos vínculos do Brasil com os países da América Central e do Caribe (a exceção seria a Nicarágua, com a efígie de Somoza). Há também uma cronologia das peças que acompanha o movimento geral das relações internacionais do Brasil. Depois de décadas de afastamento das Américas durante a época do Império, na República observou-se a construção de uma orientação geral da diplomacia brasileira atenta à inserção do Brasil no hemisfério continental americano. Não sem razão, todas as esculturas que compõem o universo das imagens das Américas no Rio de Janeiro são posteriores à proclamação da República, em 1889.¹⁴ Além disso, a data dessas imagens escultóricas assinala épocas de atenção do Brasil para com cada um dos países. Outro aspecto importante a ser ressaltado é o fato de que a imagem do escoteiro e a estátua da Liberdade da Vila Kennedy evidenciam situações em que a aproximação interamericana ultrapassou os domínios da diplomacia e das relações de Estado. Se a estátua chilena representa a gratidão ao Brasil, a segunda registra um tempo em que a influência norte-americana foi decisiva na construção da política pública de habitação popular no Brasil.

Fica claro, assim, que a história desse conjunto de imagens urbanas acompanha e representa a história do Brasil e de laços continentais. A escultura pública se constituiu claramente num recurso para fazer da cidade terreno das relações internacionais através de iniciativas diplomáticas dos Estados baseadas no uso da imagem e do passado.

¹⁴ Para uma consideração geral da história da política externa no Brasil que valoriza as relações interamericanas, ver Cervo e Bueno (1992). Sobre o período do Império, ver Lobo (1939). Sobre o período da Primeira República, ver Burns (1985) e Bueno (2003).

Imagens da guerra

Por outro lado, no universo da escultura pública da cidade há monumentos que tematizam a história do Brasil e suas relações continentais e que poderiam ficar de lado numa mirada superficial. Na cidade do Rio de Janeiro existem ao menos seis esculturas monumentais associadas à memória da Guerra do Paraguai: general Osório (1894); duque de Caxias (1899); almirante Barroso (1909); Ana Néri (1935-56); almirante Tamandaré (1937); heróis da Laguna e Dourados (1938).¹⁵ Diferentemente do conjunto das imagens da amizade, essas esculturas não foram presentes oficiais de países das Américas ao Brasil. Isso evidencia de antemão que elas promoveram de outro modo a presença do tema da inserção do Brasil no contexto continental. Quase todas essas peças dizem respeito a figuras que serviram às Forças Armadas e que participaram de campanhas militares vitoriosas da Guerra do Paraguai — com exceção de um único monumento que guarda a memória dos contingentes comuns e genéricos que sucumbiram na maior derrota sofrida pelos brasileiros durante o conflito militar.

Nos dias de hoje, em geral essas esculturas são vistas como monumentos militares que relacionam a história nacional com a história da afirmação das corporações militares no Brasil e celebram a contribuição do Exército e da Marinha para a construção nacional. Claro que essa questão não pode ser desprezada, pois caracteriza especificamente a promoção das esculturas do século XX. Mas não se pode esquecer que os monumentos ao general Osório e ao Duque de Caxias foram erigidos no contexto da morte dessas personalidades conhecidas pelos seus feitos militares, mas que tiveram igualmente uma grande projeção popular na política nacional do seu tempo.

Contudo, ao mesmo tempo que celebravam a memória de Osório e Caxias como heróis nacionais, essas estátuas também serviram para representar laços de união do Brasil com a Argentina e o Uruguai. Não sem razão, durante a cerimônia de traslado do corpo do general Osório para a cripta construída na base do monumento que seria erguido em sua homenagem, na praça Quinze de Novembro, o presidente da Comissão Executiva do Monumento, o empresário Cândido Gaffré, sublinhou em seu pronunciamento público:

¹⁵ A história da memória da Guerra do Paraguai foi estudada por Salles (2003). O recorte do trabalho, no entanto, privilegia o século XIX e as diversas formas de construção social da memória. Além de não se concentrar na escultura, não aborda a maior parte dos monumentos à Guerra do Paraguai, que são do século XX.

Depositamos nesta cripta os restos mortais do herói, cuja glória transpôs as fronteiras da pátria e desafia a voracidade do tempo. (...) A humanidade lhe deve a libertação de um povo oprimido; a América, a queda do ditador, cuja crueldade a assombrava; e o Brasil, a defesa de sua integridade. O Paraguai redimido, a América desafrentada e o Brasil unido prestarão sempre ao general Osório, marquês do Herval, sincero culto de admiração e reconhecimento.¹⁶

Esse mesmo sentido atribuído ao personagem da história que vinculava o destino do Brasil com o Paraguai e a América foi reavivado durante a inauguração da estátua eqüestre do general Osório,¹⁷ em 12 de novembro de 1894. A cerimônia foi acompanhada pelos pronunciamentos de Garcia Merou, ministro plenipotenciário da República Argentina, e do general Eduardo Vasquez, em nome de comissão enviada pela República do Uruguai. A presença dessas personalidades estendia no tempo e em período de paz a aliança que conquistou a vitória na Guerra do Paraguai. Consta que a coroa de flores então oferecida pelos uruguaios continha a seguinte inscrição: “ao campeão da liberdade sul-americana”.¹⁸ Há aí uma clara identificação da homenagem ao personagem histórico com a promoção da integração regional.

Já a ata da inauguração da estátua eqüestre de Duque de Caxias foi assinada não apenas pelo presidente da República do Brasil, Campos Salles, mas também pelo presidente da Argentina, tenente-general Julio A. Roca, acompanhados, ainda, por militares, políticos e uma filha do homenageado.¹⁹ Ora,

¹⁶ Ver *O panteão...*, 1962. p. 7

¹⁷ Manuel Luis Osório, marquês do Herval, conhecido como general Osório, faleceu em 4 de outubro de 1879. Seu corpo embalsamado foi transferido, em 16 de novembro, para o Asilo dos Inválidos da Pátria, na ilha de Bom Jesus (parte da atual ilha do Fundão), tendo dom Pedro II estado presente para as exéquias fúnebres. No dia 3 de dezembro de 1887, o corpo foi transportado para a igreja de Santa Cruz dos Militares, onde ficou provisoriamente até ser transferido para cripta construída na praça Quinze de Novembro. O traslado ocorreu em 21 de julho de 1892, em cerimônia solene com a presença do presidente da República, marechal Floriano Peixoto, e muitas autoridades políticas, militares e civis, entre as quais os membros da Comissão do Monumento ao General Osório, presidida por Cândido Gaffrée e que tinha como primeiro-secretário Eduardo P. Guinle — duas personalidades de grande prestígio e poder econômico no Brasil da época (ver *O panteão...*, 1962).

¹⁸ *Idem*, p. 8.

¹⁹ Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, faleceu em sua fazenda em 7 de maio de 1880, e seu corpo foi transportado por trem para o Rio de Janeiro para se realizar enterro de acordo

a presença do presidente da Argentina demonstra que a estátua fez parte do seu programa de visita ao Brasil, num momento de aproximação entre os dois Estados que se confirmaria na atuação conjunta dos dois países na I Conferência Pan-Americana de Washington, nos EUA. Os anos de 1880, no entanto, foram um período tenso nas relações sul-americanas. De um lado, ainda no primeiro governo de Julio A. Roca, Brasil e Argentina se envolveram numa querela diplomática sobre o território das Missões. Essa disputa sobre os limites territoriais entre os dois países ocorreu, ainda, num contexto sul-americano de corrida armamentista motivada por lutas territoriais.²⁰ A guerra do Pacífico colocou, por alguns anos, Peru, Bolívia e Chile num conflito armado com grandes conseqüências, como a perda do acesso boliviano ao mar. Além disso, Argentina e Chile enfrentaram durante toda a década de 1880 uma pendência sobre os limites ao sul entre os dois países. A proclamação da República no Brasil ensejou uma aproximação da Argentina com o Estado brasileiro, buscando alianças diplomáticas que lhe permitissem afirmar-se diante do Chile, que, motivado pela vitória na guerra do Pacífico, tendia à solução militar da disputa de fronteiras com a Argentina. É nesse quadro que a estátua de Caxias se apresenta como um meio de afirmar a aliança entre Brasil e Argentina na cena sul-americana.

A imagem que temos hoje das estátuas do general Osório e de Duque de Caxias certamente se deve à militarização da memória dos dois personagens. No caso de Caxias, pode-se dizer que se trata de uma construção do século XX, articulada a partir dos anos 1920.²¹ A estátua de Caxias é marcada especialmente pela sua transferência do seu local de origem para aquele que ocupa desde 1949 no panteão sob a guarda do Exército. Já a do general Osório esteve envolvida durante longos anos num processo movido pela família, que desejava guardar os restos mortais do personagem histórico em sua terra natal, no estado do Rio Grande do Sul. Na época da morte de Osório, o clamor popular pelo culto ao personagem público foi tamanho que a família não pôde

com sua vontade testamentária. A estátua em sua homenagem foi inaugurada em 15 de agosto de 1899, no largo do Machado. Em 25 de agosto de 1949, foi inaugurado o panteão de Caxias, em frente à sede do antigo Ministério da Guerra, na avenida Presidente Vargas, para guardar os restos mortais

do duque e de sua mulher.

²⁰ Ver Bandeira, 2003.

²¹ Ver Wehling, 2003.

se opor ao projeto do mausoléu público, completado anos depois pela estátua equestre. Depois de pouco mais de 100 anos, a família conseguiu, finalmente, realizar sua vontade. Contudo, isso certamente traduz também o novo contexto da imagem do general: com a perda de seu apelo popular, a estátua passou a ser vista como monumento militar.

Esse processo de militarização que envolve as duas estátuas, porém, parece acompanhar também a tendência de restringir a memória da Guerra do Paraguai a uma memória estritamente militar. É assim que até hoje as estátuas de outros dois heróis militares da Guerra do Paraguai são celebradas pela Marinha do Brasil. Em 11 de junho de 1908, com grande solenidade e a presença do presidente da República Afonso Pena, se realizou o lançamento da pedra fundamental do monumento ao almirante Barroso, líder da batalha do Riachuelo. Cumpria-se, assim, decisão oficial firmada por decreto do ano anterior do ministro da Justiça e Negócios Interiores, Augusto Tavares Lira. Os restos mortais do famoso almirante foram trasladados para uma cripta instalada na base do monumento. O conjunto monumental só foi completado com a inauguração da estátua em 19 de novembro de 1909, Dia da Bandeira.²² A estátua do almirante Tamandaré, por sua vez, foi erigida por iniciativa da Marinha do Brasil, que abriu subscrição pública para sua realização. No local onde já existia uma herma inaugurada em 16 de dezembro de 1916 realizou-se o ato solene de lançamento da pedra fundamental, no dia 13 de dezembro de 1936. A inauguração do conjunto monumental encimado pela estátua do personagem da história militar deveria ocorrer exatamente um ano depois, marcando assim os festejos do Dia do Marinheiro, comemorado pela corporação naval em 13 de dezembro. Mas o mau tempo adiou a cerimônia para o dia 28 de dezembro de 1937, com a presença das autoridades navais e do presidente da República.²³ Na história desses dois monumentos públicos, no entanto, a memória da Guerra do Paraguai parece estar desvinculada da história das relações interamericanas, referindo-se exclusivamente à história da Marinha do Brasil.

²² A escultura pública, de autoria de José Otávio Correia Lima, foi inaugurada na praça Luís de Camões e removida em 1977 para a praça Paris, na Glória, nas imediações de sua localização original. Sua construção foi determinada pelo Decreto nº 1.697, de 10 de junho de 1907. Ver *Monumentos...*, 1946.

²³ *Idem*.

Com sentido semelhante foi promovido também o monumento aos heróis da Laguna em Dourados. A proposta surgiu a partir de uma notícia nas páginas de *O Jornal*, em 1920, que advertia do abandono das sepulturas de Antônio João, Carlos Camisão e Guia Lopes, lançando um apelo à mocidade militar. A iniciativa de promoção do monumento é atribuída ao tenente Pedro Cordolino de Azevedo. Somente em 1938 foi o monumento inaugurado na praça General Tibúrcio, na praia Vermelha, no bairro da Urca. Constituía-se de uma alta coluna, complementada por um pedestal circular com relevos e alegorias escultóricas, sobre uma cripta para a guarda dos restos mortais dos heróis de guerra. Uma comissão, presidida pelo então ministro da Guerra Pandiá Calógeras,²⁴ escolheu em concurso público o projeto do escultor Antônio Pinto de Matos — que infelizmente morreu antes da inauguração de sua obra —, com a colaboração do escultor Calmon Barreto. O início da construção da cripta foi garantido, anos mais tarde, por uma solicitação de recursos do então ministro da Guerra.²⁵

O estabelecimento de uma associação mais restrita do fato da guerra com a história da afirmação das corporações militares no Brasil esvazia os sentidos belicosos para as relações interamericanas contidos na lembrança do conflito militar. Do ponto de vista dos laços do Brasil com outros países americanos, nota-se que a militarização da lembrança da Guerra do Paraguai serviu para evitar a associação de sua memória com o campo das relações interamericanas.

Imagens das sociedades

Vários elementos de ordem mais geral da história da política externa do Brasil indicam que essa resignificação das imagens da Guerra do Paraguai acompanha o posicionamento continental do Brasil. O primeiro deles é que a naturalização da aliança do Brasil com o Uruguai e a Argentina, estabelecida no tempo da Tríplice Aliança, não pôde resistir aos tempos. Pouco tempo depois da vitória sobre o Paraguai, divergências sobre o tratado de paz levaram Bra-

²⁴ Pandiá Calógeras foi, além de militar, professor e autor de livro de história do Brasil de grande aceitação em sua época. Foi, também, personagem brasileiro importante das relações interamericanas, tendo sido delegado do Brasil nas conferências Pan-Americanas de 1906 e 1910, e chefe da delegação brasileira à Conferência Financeira Pan-Americana de 1916.

²⁵ Ver Matos, 1938; e *Monumentos...*, 1946.

sil e Argentina a uma situação de forte tensão. A pretensão argentina de incorporar ao seu território a região do Chaco Boreal paraguaio levou o Brasil a apoiar as autoridades paraguaias. Desse modo, o Império do Brasil negociou separadamente um tratado de paz com o Paraguai, demonstrando seu distanciamento da Argentina.²⁶

Após o fim da I Guerra Mundial, a discussão sobre as políticas de desarmamento tomou conta de parte da agenda internacional, o que se refletiu nas relações hemisféricas, criando tensões entre Brasil, Argentina e Chile, que dominaram a preparação da V Conferência Pan-Americana de Santiago, em 1923. O desarmamento e a limitação de gastos militares no contexto interamericano entravam em pauta exatamente no momento em que o Brasil desenvolvia um plano de expansão de sua frota naval para defesa. No Cone Sul, a questão se colocava desde o começo do século XX, quando a Argentina iniciou um programa de rearmamento naval, devido, sobretudo, a querelas de fronteira com o Chile. De todo modo, nos anos 1910 a reação argentina ao plano brasileiro de fortalecimento de sua frota naval militar criou constrangimentos à posição do Brasil.²⁷ Nesse caso, a memória da Guerra do Paraguai em nada ajudava a diplomacia, uma vez que a questão militar no continente tornara-se delicada. Àquela altura do início da década de 1920, a querela naval derrubou a aliança entre Argentina, Brasil e Chile, conhecida como ABC, que vinha se estabelecendo ao longo dos primeiros anos do século XX e ficou marcada pelas negociações (ao final não confirmadas) do pacto do ABC, em 1915. Para a diplomacia, a aliança no Cone Sul com Argentina e Chile contrabalançava a política de alinhamento com os EUA. A questão militar no hemisfério americano só ganhou uma nova forma de colaboração a partir da Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e da Segurança do Continente, de 1947, realizada no Rio de Janeiro e em Petrópolis, às vésperas da criação da Organização dos Estados Americanos (OEA), no ano seguinte, em conferência realizada em Bogotá, na Colômbia. Em poucas palavras, os sentidos dos monumentos à Guerra do Paraguai traduzem os percursos da história militar hemisférica.

No período entre 1923 e 1947, quando a questão militar ocupou espaço na pauta da política externa continental, outros movimentos indicaram uma reorientação das relações continentais, notadamente no campo do pensamen-

²⁶ Ver Doratioto, 1994.

²⁷ Ver Garcia, 2004.

to social. No Brasil, entre as décadas de 1920 e 1930, foram se afirmando imagens da aproximação continental.²⁸

Esse movimento do pensamento e da cultura foi acompanhado por uma outra tendência do relacionamento entre os Estados nacionais. A renovação do quadro das relações internacionais após o fim da I Guerra Mundial favoreceu a construção e o fortalecimento de organismos multilaterais, especialmente no campo da educação e da saúde. Nos anos 1930, essa tendência se afirmou no âmbito das relações interamericanas, lançando outras bases para a integração continental no contexto do segundo pós-guerra.

É nesse novo quadro que se pode compreender a promoção da imagem de Ana Néri, personagem que ficou conhecida como pioneira da organização do serviço de enfermagem no Brasil ao atuar como auxiliar no corpo de saúde do Exército, durante a Guerra do Paraguai. Sua figura histórica se tornou emblemática da história da enfermagem no Brasil. É assim que Ana Néri foi homenageada no Rio de Janeiro durante a III Conferência Pan-Americana da Cruz Vermelha, ocorrida em setembro de 1935, com o lançamento da pedra fundamental de sua estátua. Na ocasião, se reuniram na cidade representações de 18 países das Américas e diversas delegações de associações civis. Os jornais não perderam a notícia da inauguração da estátua, em 1956, na praça da Cruz Vermelha, em frente à sede local da instituição. A contribuição de 22 países americanos foi destacada, assim como a presença, como convidado de honra, do secretário-geral da Cruz Vermelha do Peru, Guillermo Fernandez, ao lado do presidente da Cruz Vermelha do Brasil, senador Vivaldo Lima, do prefeito Negrão de Lima e do presidente da República Juscelino Kubitscheck.²⁹

Nesse caso, novamente uma biografia brasileira serve à promoção da integração continental. Contraditoriamente, a imagem de Ana Néri e sua associação com o papel da enfermagem sublinham o fato de que as ações de guerra devem ter os seus limites, promovendo-se assim uma desmilitarização da história. Tal sentido é reforçado na medida em que a lembrança da guerra, nesse caso, recorda uma personagem não-militar e renova a memória do fato

²⁸ Ver Azevedo, 1999.

²⁹ Ver *Representante do Peru...* 1956; e *Homenagem internacional...*, 1956. Consta no pedestal da estátua a contribuição dos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, EUA, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Salvador, Uruguai e Venezuela.

histórico a partir da história da gente comum. Ana Néri representa, assim, a participação da sociedade civil no quadro do relacionamento entre os povos, ultrapassando os limites da esfera dos Estados.³⁰

O que se pode observar no conjunto das imagens da guerra é que as representações do passado são reelaboradas ao longo dos tempos, acompanhando as conjunturas e tendências da política exterior do Brasil para as Américas. Os seus sentidos ganham, assim, historicidade própria. A história dessas esculturas públicas do Rio de Janeiro, que envolvem as relações interamericanas e o Brasil, permite constatar como a produção social da memória estabelece novas associações e reorganiza o destaque dado aos personagens do passado. Realiza-se socialmente uma operação seletiva, que recontextualiza elementos da lembrança e produz esquecimentos.

Contudo, se juntarmos a história da imagem de Ana Néri com a da promoção da estátua de Miguel Couto, que traduzia a colaboração entre a Academia Nacional de Medicina do Brasil e a da Argentina, não há como deixar de notar que a saúde foi um dos campos mais propícios à aproximação no contexto das relações interamericanas entre os anos 30 e 50 do século XX. Graças à mobilização de entidades de saúde, desenvolveu-se a partir da diplomacia um movimento da sociedade civil em prol do aprofundamento de laços no hemisfério americano.

Imagens sob tensão

Esse envolvimento da sociedade civil nas relações interamericanas a partir do Brasil possui, no entanto, uma história que antecede o movimento e remonta à década de 1930. É assim que a imagem chilena do escoteiro revela meandros do relacionamento entre diplomacia e sociedade civil, num quadro de tensões hemisféricas. No Chile, o jornal *El Mercurio* publicou editorial enaltecendo a solidariedade brasileira durante o terremoto ocorrido em 1922, que atingiu fortemente a sociedade civil chilena:

O donativo do Brasil [de mil contos de réis], o mais suntuoso que deu entrada até hoje na caixa da Comissão Central de Socorros, tinha alta signifi-

³⁰ A estátua de Ana Néri, de autoria do escultor Luiz Ferrer, foi inaugurada em 28 de dezembro de 1956, em decorrência de iniciativa da prefeitura do Distrito Federal de reformar praças da cidade do Rio de Janeiro. A cerimônia contou com a presença do presidente Juscelino Kubitschek e do prefeito Negrão de Lima (*Jornal do Brasil*, 29 dez. 1956. p. 10).

cação de uma simpatia fraternal que já estamos habituados a receber do Brasil em uma larga história de vínculos profundos e leais, correspondidos com o afeto sincero e entusiástico do povo chileno. Mas chegou agora o anúncio oficial de outro donativo brasileiro, ainda mais simpático, mais comovedor que o anterior. As crianças de todas as escolas do Brasil fizeram uma coleta espontânea, dando dez centavos cada uma, e estão em vésperas de remeter o resultado, a fim de socorrer as crianças que sofreram com o terremoto. Já não é o governo, já não são os altos representantes da grande república que nos estendem a mão fraternal. São os futuros cidadãos, os que abrem os olhos à luz, ouvindo falar do povo do Chile, os generosos descendentes dessa raça admirável e futuros obreiros de sua grandeza, que se lembram dos seus pequenos irmãos chilenos que sofreram, que têm necessidades e lhes mandam a prova delicada e terna do seu afeto.³¹

Destacam-se aí os vínculos afetivos que fundamentam um relacionamento entre sociedades nacionais, e não entre Estados. Nessa ótica, o relacionamento entre os países ultrapassa o âmbito dos Estados, de modo a incluir a dimensão da sociedade civil no plano das relações internacionais. Assim, o editorial da imprensa chilena teve como consequência o apoio à proposta de se erigir um monumento que pudesse expressar a gratidão da sociedade civil chilena, estabelecendo vínculos entre as sociedades nacionais dos dois países.

Manifestações como estas exigem que as nossas autoridades tomem, sem maior demora, a resolução de consagrar em forma perdurável a recordação da generosidade brasileira, do ato delicado das crianças do Brasil. Uma consagração como essa, seja num monumento, no nome de algum lugar público ou de outra forma duradoura, será o testemunho desta fraternidade dos dois povos, da nossa imensa gratidão e ao mesmo tempo para as gerações futuras às quais transmitiremos, como tradição chilena indestrutível, a amizade chileno-brasileira.³²

Nota-se, mais uma vez, o papel que a imprensa exercia na promoção da escultura pública. Contudo, interessa chamar a atenção para o argumento

³¹ *Los niños...*, 1923.

³² *Idem.*

segundo o qual havia “uma simpatia fraternal” anterior aos acontecimentos do terremoto e que se colocava no plano de “uma larga história de vínculos profundos e leais, correspondidos com o afeto sincero e entusiástico do povo chileno”. Assim, o gesto de solidariedade brasileiro é tomado numa linha de continuidade da história comum. A proposta lançada pelo jornal expressa o desejo de perpetuar “a recordação da generosidade brasileira” como “testemunho desta fraternidade dos dois povos”, caracterizada como “tradição”. É importante atentar também para o fato de que a menção às crianças evoca o futuro. Toda a justificativa da proposta, portanto, sustenta uma continuidade “da amizade chileno-brasileira”. A concepção de uma história linear legitima a aproximação dos dois países.

Outro aspecto interessante a ser ressaltado é que tal iniciativa é promovida no mesmo contexto de tensão entre Argentina e Brasil por causa da questão dos armamentos e que envolveu o Chile no processo de organização da Conferência Pan-americana de Santiago de 1922. É justamente nesse momento que a proposta da estátua se organiza e se apresenta como expressão da sociedade civil. No editorial percebe-se o apelo a uma aliança entre Brasil e Chile estabelecida não pelos laços de governo, mas pela mobilização dos cidadãos e sua “mão fraternal”. Recorre-se claramente ao entrecruzamento de Estado e sociedade civil para garantir bases amistosas para as relações interamericanas no contexto das tensões diplomáticas.

Imagens rivais

De modo geral, as esculturas públicas apresentadas ao Brasil por diferentes Estados das Américas se inserem num quadro de alianças e rivalidades que colocam em discussão as relações interamericanas.

Essa história se inaugura em 1922, de modo inusitado, durante a Exposição Universal do Centenário da Independência do Brasil, quando se verifica o primeiro gesto de doação de estátuas americanas ao Brasil. No contexto da participação internacional, a presença dos EUA e do México ganharam destaque durante as festividades que ocorreram ao longo do ano na cidade do Rio de Janeiro. Os EUA chamaram a atenção com seu grande pavilhão de exposição, e o México se fez representar pela maior comitiva estrangeira na cidade, comandada por seu ministro da Educação e escritor ilustre, José Vasconcelos. Consta, aliás, que foi após essa visita ao Brasil que José Vasconcelos concebeu

o tema da raça cósmica, posteriormente desenvolvido em seu mais famoso livro, publicado em 1925, no qual reafirma o ideal de integração regional.³³

Na verdade, a participação marcante dos dois países americanos na ocasião se explica em grande parte pelo quadro de crise entre México e EUA, decorrente do fato de o governo de Washington não ter reconhecido o regime estabelecido pela revolução mexicana no país vizinho, a partir de 1913, com a ascensão de Victoriano Huerta.³⁴ O Brasil, ao contrário, foi um dos primeiros Estados a reconhecer o novo governo mexicano, ainda no período de 1913-15. Com o rompimento de relações entre os EUA e o México, a diplomacia brasileira assumiu o papel de mediador entre os dois países, como representante dos interesses dos EUA no México de 1914 a 1915, quando o governo norte-americano reatou relações regulares com o México.³⁵ O Brasil, mesmo sendo um aliado histórico dos EUA, deu então mostras de certa independência diplomática ao se posicionar a favor da autonomia dos povos. A posição brasileira seria reafirmada, no fim de 1921, pela aquisição e inauguração de nova sede de sua legação diplomática na cidade do México. Tal inauguração se deu no contexto das comemorações do centenário da independência nacional do México, celebradas naquele ano de 1921, constituindo-se numa demonstração de apreço do Brasil pela nação amiga.³⁶

Esse quadro inclui, ainda, os desdobramentos do fim da I Guerra Mundial e a criação da Liga das Nações, em que o Brasil teve um papel singular. A liga surgiu como um órgão de colaboração internacional multilateral destinado a renovar as relações internacionais no pós-guerra. Depois de 1920, os EUA se retiraram da Liga das Nações, mesmo tendo sido os autores da proposta de criação da instância multilateral. O parlamento norte-americano, em conflito com a presidência da República, rejeitou a participação nacional na Liga das Nações. Aos EUA caberia um assento permanente ao lado de Grã-Bretanha, França, Itália e Japão, enquanto os outros países teriam participação temporá-

³³ Ver Tenório, 1994.

³⁴ Para uma caracterização da história da revolução mexicana, ver Cumberland (1972). No Brasil, existe o trabalho de referência geral de Soares (1999). Sobre a revolução mexicana e as relações internacionais, ver Katz (2003).

³⁵ Para uma caracterização da participação brasileira no quadro da revolução mexicana, ver Vinhosa (1980).

³⁶ No Arquivo Histórico do Itamaraty podem-se encontrar as cópias dos telegramas recebidos e expedidos pela embaixada nesse período.

ria. Com a saída dos EUA, o Brasil decidiu pleitear o lugar de representante permanente do continente. Essa posição se reforçou ainda mais com a saída da Argentina do órgão internacional. O Brasil assumiu, assim, a importante posição de representante do hemisfério americano, ganhando papel de expressão na cena diplomática.³⁷ Isso talvez explique em alguma medida a autonomia brasileira diante dos EUA no caso mexicano. Por outro lado, a afirmação mexicana de laços com o Brasil era estratégica no contexto internacional para legitimar o governo do México. Os EUA, por sua vez, viam-se diante de um quadro raro, isto é, a necessidade de não inviabilizar a liderança da diplomacia brasileira no contexto internacional como representante hemisférico.

De todo modo, em janeiro de 1922 o Brasil decidiu elevar sua legação diplomática mexicana à condição de embaixada no México.³⁸ Em seguida, o governo brasileiro recebeu a notícia da confirmação do envio de missão especial mexicana para participar da exposição do centenário no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, como medida de reciprocidade em relação ao Brasil, o México anunciou a criação de sua embaixada no Rio de Janeiro, o que causou boa repercussão também na imprensa brasileira. Contudo, para não confrontar os EUA com demonstração ostensiva, adiava-se a ida do embaixador Régis de Oliveira.³⁹ Mesmo assim, o Brasil mediava a participação do México na Conferência Pan-Americana em Santiago do Chile, enquanto procurava o apoio mexicano para a questão dos armamentos.

Nessa mesma época, já constava na documentação diplomática brasileira uma proposta do México de oferecer como “prova de apreço” ao Brasil, no ano de seu centenário, “a reprodução de seu mais belo monumento artístico”, a estátua de Chuaútemoc. O custo estava calculado em US\$ 40 mil, e o representante diplomático brasileiro no México pedia que se consultasse a comissão organizadora do centenário sobre a possibilidade de instalar a estátua na avenida Beira-Mar, em frente à rua México. Em 28 de janeiro, a propos-

³⁷ Ver Garcia, 2000.

³⁸ Na documentação diplomática brasileira encontra-se comentário do ministro do Brasil sobre a boa repercussão, na imprensa mexicana, do anúncio da embaixada brasileira no México (Arquivo Histórico do Itamaraty).

³⁹ Artigo do jornal mexicano *El Universal* de 13 de julho de 1922 comentava o retardo do Brasil em nomear embaixador. E, de fato, em 20 de setembro, o ministro Antônio Feitosa anunciava que deixava o México para assumir o posto para o qual tinha sido nomeado, deixando o secretário da legação como seu substituto.

ta, apresentada em forma de telegrama, foi definida como testemunho dos sentimentos de cordial amizade que unem o povo e o governo do México à nação brasileira. Assim, a gratidão mexicana se traduz também na participação no programa dos festejos oficiais brasileiros, oferecendo ao governo do Brasil a estátua “representativa do indômito espírito de independência dos povos americanos”.

Curiosamente, a 5 de fevereiro a legação no México recebia comunicado do governo brasileiro pedindo que se agradecesse a demonstração de amizade por parte do México, certificando que a inauguração do monumento seria incluída nos festejos oficiais, mas que não seria possível erigir a estátua no lugar pretendido, uma vez que “o local não comporta colocação do monumento”. As fontes não comentam, mas não há como deixar de notar que o logradouro em questão era uma praça em frente ao pavilhão dos EUA. A estátua mexicana foi enfim inaugurada no Rio de Janeiro em outra área da cidade, entre os bairros da Glória e do Flamengo.

Assim, as duas estátuas terminaram se definindo como expressão do quadro de alianças e rivalidades das relações interamericanas.

A inauguração da imagem do herói indígena mexicano teve grande repercussão local. Mas o que chamou a atenção e causou polêmica foi o fato de que, enquanto na capital nacional se inaugurava a estátua de um índio mexicano, não havia nenhum monumento que representasse o indígena brasileiro na cidade. O debate tomou conta da Câmara dos Deputados. Mas as rivalidades regionais, no contexto do federalismo oligárquico, impediram que se achasse o personagem histórico capaz de encarnar o herói indígena brasileiro. Paradoxalmente, Chuautémoc seguiu reinando em escultura como o índio da cidade do Rio de Janeiro. A sociedade civil se apropriou da imagem mexicana demonstrando sua autonomia em relação ao discurso oficial da diplomacia.

Imagens da ironia

Pela documentação diplomática brasileira em Washington,⁴⁰ sabe-se que a posição do governo norte-americano contra o reconhecimento do governo revolucionário do México não era tão unânime na sociedade nacional dos EUA. William Randolph Hearst, dono de grande empresa jornalística, sustentava campanha em defesa do atual governo mexicano. Por outro lado, tinha-se

⁴⁰ Disponível no Arquivo Histórico do Itamaraty.

notícia também da ameaça de intervenção dos EUA em Cuba. Contudo, observa-se que o problema dos EUA com o novo governo mexicano envolvia questões financeiras entre os dois países. Nesse contexto é que se anuncia em agosto o envio de missão especial dos EUA para a celebração do centenário da Independência do Brasil, a ser liderada pelo próprio secretário de Estado, Charles E. Hughes. O que não consta na documentação diplomática que anuncia os preparativos da missão norte-americana é a notícia de que também os norte-americanos pretendiam marcar o acontecimento com a doação de uma estátua que celebrasse a amizade entre Brasil e EUA. O fato é que essa estátua não conseguiu ser inaugurada na cidade em 1922.

Somente em 4 de julho de 1931 ocorreu a inauguração oficial da estátua em área pública da cidade do Rio de Janeiro (três meses antes da inauguração da estátua do Cristo Redentor do Corcovado). Pelas notícias de jornais da época fica-se sabendo que a iniciativa de promoção da imagem havia sido da American Chamber of Commerce, que nomeara uma comissão para esse fim. Foram arrecadados US\$ 40 mil para a confecção, nos EUA, da estátua alegórica de autoria do importante escultor norte-americano Charles Keck. Em 1922, houve uma cerimônia de entrega oficial da qual participou o secretário de Estado Charles E. Hughes.⁴¹ Um dos motivos apontados, em 1931, para a demora na inauguração da estátua na cidade foi a falta do pedestal. Alguns projetos foram apresentados na administração de Prado Júnior, mas os altos custos fizeram com que fossem deixados de lado.⁴²

A estátua da Amizade foi afinal inaugurada numa grande cerimônia que contou com a presença de representantes de Estado, além de diversas manifestações oficiais. O programa incluiu um vôo para convidados da Panair do Brasil, bem como uma demonstração da esquadrilha de aviões do Exército, que se encarregou de jogar do alto pétalas de rosas. Houve também apresentação de coro de alunos e da banda da polícia militar.⁴³ Contudo, foi a ironia que tomou conta dos comentários na imprensa sobre o significado da estátua da Amizade:

É uma verdade que essa estátua tem, no Brasil de hoje, uma grande significação. Que nos viesse dos Estados Unidos um belo presente, era uma coisa

⁴¹ Ver *A cordialidade...*, 1931.; e *Friendship...*, 1931.

⁴² Arquimedes Memória teria desenvolvido, então, um projeto de linhas simples, e Benevuto Berna feito as efígies de George Washington e José Bonifácio que completariam o pedestal (ver *A cordialidade...*, 1931).

⁴³ *Diário de Notícias*, 5 jul. 1931.

natural. Mais natural que tudo, porém, é que esse presente fosse uma estátua da Amizade. Quais são os laços que nos ligam aos Estados Unidos? São laços de várias ordens: mas são, principalmente, os laços do devedor para com o credor (...) devemos ao grande povo somas colossais, diante das quais as rendas que arrecadamos aqui são insignificantes. Os juros dessas contas sobem a cifras vertiginosas. Que quer dizer isso, senão que há entre nós e eles uma amizade fraterna e profunda? Nada se compara, em beleza e verdade, à amizade que pode ligar um indivíduo cheio de dívidas àquele que é o seu credor.

Esse fato parece ter sido reconhecido pelos próprios Estados Unidos. Basta ver o símbolo que eles mandaram para nós.⁴⁴

É preciso salientar que há um dado de conjuntura no comentário do jornal, pois a cerimônia é realizada em meio ao processo de negociação de moratória da dívida externa brasileira depois da revolução de 1930. Assim, fica evidente que a inauguração da estátua da Amizade Brasil-EUA sob os auspícios locais se integrava num movimento diplomático visando reposicionar os vínculos financeiros entre os dois países sem abalar os laços estabelecidos. Mas, por comparação com o caso mexicano do fim dos anos 1910 e início dos anos 1920, a escultura pública serviu a um outro modo de tratar o relacionamento financeiro com os EUA — não por expressar contestação ou divergência, mas por afirmar uma aliança simbólica que se sobrepusesse ao quadro das negociações financeiras.

Observa-se, na citação, que a discussão pública das imagens muitas vezes escapava ao controle oficial que se empenhava em organizar o cerimonial. A nota fechava ainda com uma consideração mais ampla das alianças no campo das relações internacionais: “a França lhes deu uma estátua: era a da liberdade, que existe e fulgura hoje à entrada de New York. Eles, para nós, credores enalacradíssimos, nos doam a estátua da amizade. Houve nisso uma ironia muito sutil...”.⁴⁵

Constata-se, assim, que a escultura pública constituiu-se num dos recursos da diplomacia, participando do jogo de rivalidades e alianças nas relações internacionais simbolizado pela disputa de imagens. Contudo, a ironia que tomou conta da nota na imprensa sobre a estátua da Amizade demonstra,

⁴⁴ *A cordialidade...*, 1931.

⁴⁵ *Idem*.

também, que a sociedade civil fazia suas próprias leituras das relações interamericanas, assumindo um papel especial que relacionava política externa com política interna.⁴⁶

Portanto, as imagens da amizade representadas nas esculturas públicas oferecidas ao Brasil por diferentes países das Américas, embora tenham servido para celebrar laços amistosos no hemisfério, por vezes se inserem no contexto das rivalidades nas relações interamericanas. Nesse sentido, as imagens que tematizam a amizade no continente são a mais viva expressão das tensões nas relações interamericanas. No campo da escultura pública, por vezes essas tensões se traduziram em disputas e concorrência de imagens. A controvérsia domina, assim, a cena da promoção das imagens das Américas no Rio de Janeiro.⁴⁷

Além disso, a promoção de esculturas públicas pela diplomacia recorreu, por vezes, à mobilização da sociedade civil para contrabalançar as querelas em campos específicos das relações interamericanas. Outras vezes, porém, a discussão pública das imagens escapou ao controle oficial que se empenhava em organizar o cerimonial de promoção da imagem e o sentido das relações diplomáticas. Considerações irônicas evidenciam que a sociedade civil nem sempre acompanha o discurso oficial da diplomacia ao fazer suas leituras das relações interamericanas. O discurso oficial se encontra, então, com a crítica da ação do Estado e articula as políticas externa e interna como outra face do envolvimento da sociedade civil no quadro das relações internacionais. Diplomacia e sociedade civil estabelecem, assim, um diálogo diversificado por meio dos usos da imagem na cidade.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Cecília. Essa pobre moça indefesa: a estátua da Liberdade da Vila Kennedy. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.
- BANDEIRA, L. A. Moniz. *Conflito e integração na América do Sul: Brasil, Argentina e Estados Unidos, da Tríplice Aliança ao Mercosul*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- BARDI, P. M. *Em torno da escultura no Brasil*. São Paulo: Banco Sudameris, 1989.

⁴⁶ Sobre a importância dos vínculos entre política externa e política interna, ver Milza (1996).

⁴⁷ Segundo Senie (1992), essa é uma característica da escultura pública

- BUENO, Clodoaldo. *Política externa da Primeira República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- BURNS, E. Bradford. As relações internacionais do Brasil durante a Primeira República. In: HOLANDA, Sergio Buarque de (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1985. t. III. v. 9.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas; o imaginário republicano no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.
- A CORDIALIDADE entre os EUA e o Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1931.
- CUMBERLAND, Charles C. *Mexican revolution, the constitutionalist years*. Austin: University of Texas Press, 1972.
- DORATIOTO, Francisco. *Espaços nacionais na América Latina: da utopia bolivariana à fragmentação*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- EARLE, Rebecca. Sobre héroes y tumbas: national symbols in nineteenth-century Spanish America. *Hispanic American Historical Review*, v. 85, n. 3, 2005.
- FONTAINHA, Affonso. *História dos monumentos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: s.n., s.d.
- FRIENDSHIP Monument dedicated in Brazil. *New York Times*, New York, Jul 5, 1931.
- GARCIA, Eugênio Vargas. *O Brasil e Liga das Nações (1919-1926)*. Porto Alegre: UFRGS - FUNAG, 2000.
- _____. A diplomacia dos armamentos em Santiago. O Brasil e a conferência Pan-americana de 1923. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 46, 2004.
- HOMENAGEM internacional a esse grande vulto da história pátria. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 dez. 1956. p. 6.
- A INAUGURAÇÃO, hoje, da Estátua da Amizade. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1931.
- JILLS, John R. (Ed.). *Commemorations; the politics of national identity*. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- KATZ, Friedrich. *La guerra secreta en México: Europa, Estados Unidos y la revolución mexicana*. México: Era, 2003.
- LOBO, Hélio. *O pan-americanismo e o Brasil*. São Paulo: Nacional, 1939.
- MATOS, Antônio Pinto de. *Comissão do Monumento aos Heróis de Laguna e Dourados*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1938.

- MILZA, Pierre. Política externa e política interna. In: REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 1996.
- MONUMENTOS da cidade. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1982.
- MONUMENTOS da cidade. Rio de Janeiro: Diário de Notícias, 1946.
- LOS NINOS del Brazil a los ninos de Chile. *El Mercurio*, 8 ene. 1923.
- NORA, Pierre (Dir.). *Les lieux de mémoires*. Paris: Gallimard, 1984.
- O PANTEÃO de Osório. Rio de Janeiro: SMG/Imprensa do Exército, 1962.
- PONCE, Nestor; RODRIGUEZ, Miguel. Um livre d'histoire aux gravures de pierre: monuments latino-américains à Paris. In: *L'Amérique-Latine en Europe aux XIXe et XXe siècles — colloque Europe/Amérique-Latine*. Angers: Centre de Recherche, 1994. p.181-193.
- REPRESENTANTE do Peru para inauguração do monumento a Ana Néri. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1956. p. 2.
- RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio. A inserção internacional das cidades: notas sobre o caso brasileiro. In: VINGEVANI, Tullo et al. (Orgs.). *A dimensão subnacional e as relações internacionais*. São Paulo: Educ/Unesp/Edusc/Fapesp, 2004.
- ROLLAND, Denis (Dir.). *Histoire culturelles des relations internationales*. Paris: L'Harmattan, 2003.
- SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai, memória e imagens*. Rio de Janeiro: FBN, 2003.
- SENIE, Harriet F. *Contemporary public sculpture: tradition, transformation and controversy*. New York: Oxford University Press, 1992.
- SOARES, Mariza. *Revolução mexicana*. São Paulo: FTD, 1999.
- SPERONI, David. *La confraternidad argentino-brasileña es inviolable*. Buenos Aires: Imp. del Congreso Nacional, 1945.
- TENÓRIO, Mauricio. Um Chuaeté moc carioca: comemorando o centenário da Independência do Brasil e a raça cósmica. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, jul./dez. 1994.
- VINHOSA, Francisco Luiz Teixeira. A diplomacia brasileira e a revolução mexicana, 1913-15. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 327, p. 19-81, 1980.
- WEHLING, Arno. Caxias e o imaginário nacional: a visão de seus contemporâneos. *Da cultura*, v. 3, n. 5, p. 46-56, dez. 2003. Disponível em: <www.funceb.org.br>. Acesso em: 26 jul. 2006.